

## OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

### 2021, o ano da esperança com sinais de inquietude

*Têm de ser os Estados, as democracias, os governos e as lideranças políticas, enquanto representantes dos interesses dos cidadãos, a procurarem conjugar esforços, numa espécie de nova diplomacia ou nova ordem de gestão global, para encontrar as soluções e os sinais para a manutenção da confiança em níveis suficientemente consistentes.*



**António João Maia**

Quando, em 2020, num repente, nos caiu em cima uma pandemia globalizante, que nos deixou com os olhos ofuscados, passámos a olhar para o ano que agora iniciamos depositando nele todas as esperanças para o regresso ao que até então chamávamos normalidade e que mais não é do que a vida regular como a conhecíamos.

Diziam-nos então que a superação do problema dependia de uma vacina que tinha ainda de ser criada. E os cientistas deitaram mãos à obra, lançaram-se em pesquisas e, no espaço de alguns meses, já sobre o final do ano, chegaram à identificação da dita vacina e a esperança de regresso a essa normalidade em 2021 ganhou mais força.

Claro que o processo de produção e de distribuição da vacina em todo o mundo obedece a uma logística com contornos de complexidade inimaginável. Trata-se de um verdadeiro desafio inovador a exigir uma coordenação e articulação ao mais elevado nível dos Estados num plano global. Por isso, o processo de vacinação e os efeitos preventivos que dele se esperam demorarão naturalmente o seu

tempo, durante o qual o vírus e a pandemia vão subsistir.

E, durante este tempo, porque os números de infetados e de vítimas vão permanecer elevados, como de resto temos testemunhado por estes dias em Portugal e um pouco por todo mundo, vamos ter de continuar a adotar as medidas de cuidado e de confinamento já bem nossas conhecidas.

Por outras palavras, apesar do esforço enorme que é exigido a todos, o essencial do problema subsistirá ainda por algum tempo mais (quanto?).

E é neste enquadramento que importa questionar o que sucederá ao tal sentimento de esperança? A essa luzinha que se acendeu e foi sendo alimentada com as notícias dos sucessivos avanços da ciência na procura da cura, e depois reforçada com imagens das primeiras vacinações. Permanecerá ela forte com o avanço do tempo, com o acumular do número de vítimas? Ou, como será mais provável, dará lugar a crescentes estados de um certo desalento coletivo, com os inerentes efeitos de fadiga, de desgaste psicológico e de erosão sobre a coesão dos indivíduos em torno de uma certa expectativa comum, de uma espécie de fé?

E, não esqueçamos, estes efeitos tendem a piorar se lhes adicionarmos

as notícias que dão conta do aparecimento e rápido alastramento de novas estirpes do vírus, sobre as quais a ciência ainda disporá de poucos elementos explicativos, para lá de todos os efeitos associados aos custos da prestação de cuidados de saúde, à pressão sobre os hospitais e prestadores de cuidados, à crise económica, financeira e social, ao aumento do desemprego e das prestações sociais, entre outros.

Como conseguir manter os índices de esperança coletiva suficientemente elevados para superarmos animicamente este enorme desafio global? Como?

Creio que, dada a amplitude da questão e de todas as componentes que ela inclui (e apresentámos apenas brevemente as mais evidentes e que têm sido objeto de maior mediatização), a procura de uma resposta ou de uma solução minimamente adequada só pode ser alcançada no plano da política supraestadual.

Têm de ser os Estados, as democracias, os governos e as lideranças políticas, enquanto representantes dos interesses dos cidadãos, a procurarem conjugar esforços, numa espécie de nova diplomacia ou nova ordem de gestão global, a assumir essa função, essa responsabilidade, de encontrar as soluções comuns e os sinais para a

manutenção da confiança em níveis suficientemente consistentes.

Os primeiros passos deste novo desígnio da função política parecem ter sido assumidos de modo adequado e profícuo e, por isso, foram bem sucedidos. Eles prendem-se com o esforço conjunto, neste caso da comunidade científica, na procura da identificação rápida da vacina, como a título de exemplo era noticiado pelo [The New York Times](#), ou pela disponibilização de artigos científicos de investigação em plataformas da especialidade como a [sciencemag.org](#), a [biorxiv.org](#), ou a [medRxiv COVID-19 SARS-CoV-2](#), entre outras.

O processo de distribuição das primeiras doses de vacinas por todos os países do mundo, ou, na Europa, os fortes apoios financeiros concedidos aos Estados-membros no âmbito da União Europeia, são também exemplificativos deste esforço de união e cooperação supraestadual na procura de soluções para um problema comum.

Esta cooperação supraestadual é igualmente importante para outros problemas globais muito prementes, como são reconhecidamente as questões das alterações climáticas, dos elevados índices de poluição associados à continuidade de um modelo económico baseado na utilização intensiva de combustíveis fósseis, do acentuado desequilíbrio no desenvolvimento e na qualidade média de vida das populações entre os países mais ricos e mais pobres do mundo e dos problemas dramáticos no plano humanitário que temos testemunhado nos fluxos migratórios que esse desequilíbrio tem gerado.

Porém, o momento histórico em que este tipo de soluções de cooperação se afigura particularmente necessária, coincide nalguns países com a emergência, cada vez mais clara e audível, de sinais de inquietude associados a

determinadas atitudes e discursos que alguns líderes políticos têm vindo a evidenciar, muitos deles pautados por preocupantes traços de xenofobia fracturante, deixando pouco espaço para a tolerância e aceitação da diferença. E o pior nesta inquietude é que estes movimentos não são meras aventuras a que as pessoas adiram apenas porque sejam novidade ou porque queiram ser diferentes. Não, o potencial de sucesso destes processos reside e fortalece-se precisamente na perda e na ausência de esperança das pessoas.

O exemplo que veio dos Estados Unidos nos últimos dias, com uma população verdadeiramente desnorteada a invadir o edifício do Capitólio, um dos símbolos maiores da instituição democracia como (ainda?) a conhecemos, é o mais recente e porventura emblemático relativamente à capacidade da demagogia para manipular franjas de população mais vulneráveis, menos esperançosas e que acabam por ficar à mercê de todo o tipo de manipulação discursiva que agite alguma coisa de diferente.

Que 2021 seja o ano da esperança para todos!